

## TECNOLOGIAS DIGITAIS E A IMPORTÂNCIA DOS PROCESSOS DIALÓGICOS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E NA FORMAÇÃO DOCENTE

Tatiana Fruscalso dos Santos/ PUCRS/[tatianafruscalso@gmail.com](mailto:tatianafruscalso@gmail.com)<sup>1</sup>

Caroline Becker/ PUCRS/ [carolbeckerr@gmail.com](mailto:carolbeckerr@gmail.com)<sup>2</sup>

Alexandre Anselmo Guilherme/ PUCRS/[alexandre.guilherme@pucrs.br](mailto:alexandre.guilherme@pucrs.br)<sup>3</sup>

Lucia Maria Martins Giraffa/ PUCRS/[giraffa@pucrs.br](mailto:giraffa@pucrs.br)<sup>4</sup>

### Resumo

O presente artigo apresenta uma reflexão acerca do emprego das tecnologias digitais como ferramentas importantes no contexto escolar para a construção do conhecimento, na contemporaneidade. O tema tecnologias digitais permeia diversas pesquisas acadêmicas, no âmbito nacional e internacional, com destaque às últimas décadas. Contudo, apesar de considerar e evidenciar a influência das tecnologias digitais na educação buscou-se estabelecer a relação com a importância dos processos dialógicos no contexto escolar. Assim, por meio da revisão bibliográfica, este artigo apresenta uma reflexão sobre a relação entre o contexto das tecnologias digitais e o diálogo, na perspectiva de Martin Buber. Martin Buber é o autor da teoria da pedagogia do diálogo e, apesar de ter produzido sua obra em outro período histórico, suas contribuições são extremamente atuais e atemporais, ao refletirem sobre as relações humanas. Considerando a presença das tecnologias digitais também no contexto escolar e nos processos de ensino e de aprendizagem, o presente artigo apresenta uma reflexão sobre o papel do diálogo no contexto escolar e para a humanização das relações, que cada vez mais adquirem um caráter virtual. Deste modo propõe-se a refletir sobre a formação docente respondendo a seguinte questão: a formação docente tem atendido a necessidade de habilitar o profissional da educação a trabalhar com tecnologias digitais aliadas ao desenvolvimento humano por meio de práticas dialógicas? Pretende-se propor a compreensão da importância do diálogo para a aprendizagem com – e apesar de – tecnologias digitais e de que modo não dicotomizá-los, já que ambos são inerentes ao desenvolvimento humano nos dias atuais. Ressalta-se ainda que tanto a docência pautada nas relações dialógicas quanto na prática competente do uso de tecnologias digitais no espaço escolar, requerem formação adequada e permanente, considerando a dinamicidade atual, o avanço tecnológico e a necessária capacidade de atenção à dimensão humana diante de contextos tão mutáveis.

**Palavras-chave:** Tecnologias digitais. Diálogo. Educação. Formação docente.

### Abstract

The present article brings a reflection about the usage of digital technologies as important tools in school context in order to build knowledge, in contemporaneity. The theme digital technologies goes through several academic researches, in national and international sphere, having spotlight in the last decade. However, although considering and pointing the influence of digital technologies in education, it has been pursued to establish the relation with the importance of dialogical processes in school context. This way, by bibliographic review, this article presents a reflection over the relation between the context of digital technologies and dialogue, in Martin

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestre em Educação (PUCRS). Psicopedagoga Clínica e Institucional. Pedagoga com habilitação em Supervisão e Administração Escolar.

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Educação (PUCRS). Psicopedagoga Clínica e Institucional. Especialista em Neurocognição e Aprendizagem. Pedagoga Empresarial e Orientadora Educacional.

<sup>3</sup> Professor Doutor do PPGEduc e PPGPsi da PUCRS, PhD University of Edinburgh, Reino Unido. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Educação e Violência, GruPEV (CNPq).

<sup>4</sup> Professora titular da Escola Politécnica da PUCRS. Pesquisadora e professora permanente do PPG da Escola de Humanidades/PUCRS. Líder do Grupo de Pesquisa ARGOS (CNPq)

Buber's perspective. Martin Buber is the author of the dialogue pedagogy theory and, although he has produced his work in another historic period, his contributions are extremely actual and timeless, when reflecting about human relations. Considering the presence of digital technologies also in school context and in the processes of teaching and learning, the present article presents a reflection about the role of dialogue in school context for humanization of relations, that are assuming a more virtual aspect. So, it is proposed to reflect about teachers' training answering the following question: are the teachers' qualification covering the needs of enabling the professional of education to work with digital technologies allied to human development through dialogical practices? It is intended to propose the comprehension of the importance of dialogue for learning with – and besides – digital technologies and which way not to dichotomize them, even though both are inherent to human development in actual times. It is emphasized that even teaching based on dialogical relations as in capable practices of digital technologies usage in school context, it requires the adequate and permanent qualification, considering the actual dynamism, technological progress and the necessary capacity of attention to human dimension in such changeable contexts.

**Key-words:** Digital technologies. Dialogue. Education. Teacher Training.

## 1. INTRODUÇÃO

É inegável que a vida contemporânea esteja cercada de tecnologia. Ações simples da rotina, como acordar a cada amanhecer, para um número significativo de pessoas, ocorre com o auxílio de um aplicativo do aparelho telefônico. Além do mais, na atualidade, smartphone<sup>5</sup> têm as mais variadas funções e a comunicação por voz é apenas uma entre tantas outras possibilidades que os aparelhos modernos possuem. Desde realizar operações bancárias, efetuar compras, ter acesso às notícias e até mesmo ler um livro são ações comuns que cada vez mais são realizadas por dispositivos eletrônicos. Os exemplos citados denotam o quanto hábitos da vida cotidiana estão sendo modificados pelas tecnologias digitais. As relações que se estabelecem adaptam-se à nova realidade, já que a tecnologia propicia mudanças quanto à percepção de tempo, de distância e de espaço.

E, apesar de todas as facilidades promovidas pelas tecnologias digitais, vive-se tempos de profunda angústia. Relatos de falta de tempo, de crises de ansiedade, de dívidas intermináveis em missões a serem cumpridas para ontem, são cada vez mais recorrentes. Toda essa demanda tem nos tomado um tempo precioso de viver com plenitude e com real atenção neste tempo transitório que compreende a nossa existência. Para o sociólogo contemporâneo Sigmunt Bauman (2007), vivemos tempos de relações líquidas, de relações superficiais, estabelecidas para não durar. Para o autor, “o conhecimento de que estamos aqui por um breve período, e de que se estabeleceu um limite inegociável para o nosso tempo esperado pode até ser

---

<sup>5</sup>**Smartphone** - aparelho celular com tecnologias avançadas, que inclui programas executados através de um sistema operacional, equivalente aos dos computadores.

necessário como incentivo para numerar nossos dias e fazê-los contar” (2005, p. 119), em uma perspectiva de viver de forma intensa e consciente, entretanto, o desejo da satisfação e do prazer imediato, tem banalizado as relações e pode incidir no erro de transformar seres humanos em objetos de consumo, fazendo com que a intensidade e instantaneidade das relações ofertem pouca significação e sentido ao viver.

Considerando a presença das tecnologias digitais também no contexto escolar e no processo de ensino e de aprendizagem, o presente artigo apresenta uma reflexão sobre o papel do diálogo no contexto escolar e para a humanização das relações, que cada vez mais adquirem um caráter virtual. Deste modo propõe-se a refletir sobre a formação docente respondendo a seguinte questão: a formação docente tem atendido a necessidade de habilitar o profissional da educação a trabalhar com tecnologias digitais aliadas ao desenvolvimento humano? Pretende-se propor a compreensão da importância do diálogo para a aprendizagem com – e apesar de – tecnologias digitais e de que modo não dicotimizá-los, já que ambos são inerentes ao desenvolvimento humano nos dias atuais.

## 2. TECNOLOGIAS DIGITAIS

O ciberespaço<sup>6</sup> e a cibercultura<sup>7</sup> definem nossa comunicação e a nossa relação com o mundo. Dessa forma, ao propor olhar para a formação docente e para as tecnologias digitais, ao analisar as publicações nos repositórios da ANPEd, CAPES, SciELO e IBICT observa-se, nas publicações com essa temática, que, no escopo de tempo 2011 – 2017, apenas duas pesquisas abordam os temas entrelaçados.

Esses estudos revelam muitas dificuldades operacionais em relação ao uso das tecnologias como recurso pedagógico, tais como: o tempo para a capacitação dos professores e a falta de recursos financeiros para a aquisição,

---

<sup>6</sup>**Ciberespaço** é definido como espaço aberto de comunicação pela interconexão mundial de computadores e das memórias deles. Assim, essa definição é o conjunto de sistemas de comunicação eletrônico que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. (LÉVY, 1999, 94-95)

<sup>7</sup>**Cibercultura** para LÉVY é o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Ainda, de acordo com Lévy, o ciberespaço é “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. (1999, 17)

formação e atualização de software e equipamentos. Além disso, para Fonseca (2014), faltam políticas públicas e programas de incentivo do governo para que cursos de Nível Médio tenham facilitados o acesso às tecnologias digitais.

Essas informações trazem à tona uma grande dicotomia. Nossa vida está rodeada de tecnologia, ou seja, o Mundo do Trabalho também está. Logo, os profissionais precisam ter intimidade com essa tecnologia para atender às demandas do mercado. Porém, na formação docente, pouco se discute sobre formar professores com conhecimento, habilidades e competências para formar sujeitos através e com conhecimentos sobre as tecnologias digitais.

De acordo com Lévy (1999, p. 159), “pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso profissional estarão obsoletas no final de sua carreira”. Essa constatação nos mostra que a natureza do trabalho deve partir do pressuposto de que os conhecimentos não param de evoluir. Assim, isso quer dizer que aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos fazem parte, além do mundo acadêmico, do mundo do trabalho.

Pensando nisso, Lévy (1999, p. 159) destaca que

o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, memórias (bancos de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, tele presença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos). Essas tecnologias intelectuais favorecem:

- novas formas de acesso à informação [...]
- novos estilos de raciocínio e de conhecimento.

Nessa perspectiva, Pedro (2016) acrescenta que os professores precisam buscar qualificação profissional para acompanhar as inovações tecnológicas, principalmente para propor práticas de ensino coerentes com a atualidade e, a partir disso, podendo proporcionar mais qualidade no processo educativo. Haja vista que a forma atual de utilização das tecnologias digitais não está promovendo mudanças significativas no processo de ensino e de aprendizagem, pois, apesar de os professores entenderem a importância de se utilizar os recursos, a utilização se limita apenas à transmissão do conteúdo, e não como forma de mediação do conhecimento.

Diante dessas informações, considera-se que, em tempos de cibercultura e liquidez<sup>8</sup> de informações/formações, é necessário fazer a relação

---

<sup>8</sup> Conceito utilizado por Bauman para definir a sociedade, as relações, o tempo/espaço e o trabalho atual.

entre a formação dos profissionais que irão atuar na docência e as tecnologias presentes e disponíveis no cotidiano das pessoas e nas empresas/postos de trabalho, com o intuito de adequar a formação dos professores às demandas oriundas deste contexto dinâmico e híbrido (presencial e virtual) e pleno de possibilidades ofertado pelo ciberespaço.

### 3. O DIÁLOGO POR MARTIN BUBER

Buscando compreender as relações na atualidade, apresenta-se o pensamento de Bauman, o qual afirma que “todos nós somos pacientes no que diz respeito à doença sociocultural que nos afeta” (2011, p. 164) e somente um pensamento para a plenitude do coletivo – e não para a individualização, conforme a realidade do nosso tempo – pode indicar novos caminhos. Reforça ainda que, como metáfora para pensar as relações sociais, o engajamento dos *pacientes*<sup>9</sup> é indispensável para o tratamento eficaz da doença, portanto, apenas a tomada de consciência e a reflexão sobre as ações, no âmbito individual para o coletivo, podem promover mudanças, já que “a modernidade líquida é uma civilização do excesso, da superfluidade, do refugio e de sua remoção” (2005, p. 120). A fala a seguir endossa esse ponto de vista:

As emoções extraídas desse mundo faminto de tempo das relações enfraquecidas, sendo reinvestidas em coisas consumíveis. [...] As pessoas talvez tenham sido recicladas em mercadorias de consumo, mas estas não podem ser transformadas em pessoas. Não no tipo de pessoas que inspiram nossa busca desesperada por raízes, parentesco, amizade e amor. (BAUMAN, 2005, p. 160)

Neste sentido, apresenta-se uma reflexão acerca das contribuições do filósofo Martin Buber que, apesar de ter produzido a sua obra em outro período e contexto histórico, apresenta considerações e possibilidades para o estabelecimento de relações e experiências mais profundas, enquanto seres humanos e relacionais que somos. Essas contribuições são focadas nas relações que se estabelecem na educação, para uma formação que privilegie a condição humana e o desenvolvimento pelo diálogo. Martin Buber teve por objetivo levar os homens a descobrirem a realidade vital de suas existências e a abrirem os olhos para a situação concreta que estavam vivendo. É possível afirmar que tanto Bauman, quanto Buber, propõe a tomada de consciência e a

---

<sup>9</sup>Grifo da autora

ação reflexiva para um viver com plenitude na condição social, inerente aos seres humanos, ideia expressa no trecho a seguir:

A grande maioria de nós alcança somente em raros momentos a plena consciência do fato de que não conseguimos degustar a realização da existência, de que a nossa vida não participa da verdadeira e realizada existência, como se a vida passasse à margem da existência genuína. Apesar disso, sentimos, constantemente, a sua ausência. De alguma maneira esforçamo-nos para encontrar em algum lugar, aquilo que nos falta. (BUBER, 1973, p. 736).

A obra de Martin Buber foi produzida em meio à Revolução Industrial, com o agravamento de diferenças de classes e do domínio de uma perspectiva capitalista e foi neste contexto que Buber se colocou a pensar sobre as mais profundas questões do ser humano: a relação humana com a realidade e a relação humana com a natureza. O diálogo apresentou-se como ferramenta fundamental na formação do sujeito e na mediação das relações, em um espaço de conflito étnico/racial intenso. Para Zuben, “a concepção buberiana do diálogo é atípica porque se recusa a tratá-lo como simples processo psicológico ou mero meio de comunicação” (2003, p. 167), já que o diálogo, nessa perspectiva, pretende uma prática baseada no encontro genuíno de inter-humanos, portanto trata-se de um encontro profundo da condição humana. A visão de Buber foi e é bastante influente, servindo como uma das bases para a filosofia da Educação. “Sua voz ecoa exatamente numa época que paulatina e inexoravelmente se deixa tomar por um esquecimento sistemático daquilo que é mais característico no homem: a sua humanidade” (BUBER, 2001, p. 7).

Buber afirma que estabelecemos relação EU-TU e relação EU-ISSO. A Relação EU-TU ressalta a mútua e completa existência de duas entidades. Um encontro de reconhecimento mútuo é um diálogo em sua plenitude. Para o autor, qualquer tipo de preconceito, de expectativa, ou sistematização impede que a relação EU-TU ocorra. Para que uma relação seja pautada na perspectiva EU-TU, ela precisa ser plena, baseada no real encontro de duas pessoas, que se reconhecem como sujeitos e se encontram abertas para receber o outro, seja da forma como ele for. Nessa perspectiva, o Tu é o que desperta no Eu algo capaz de transformar, de encantar, de causar impacto, de modificar: “o mundo do Tu fundamenta o mundo da relação” (BUBER, 2001, p.6). A relação EU-TU é o que fundamenta a existência humana, é o que dá sentido e promove o desenvolvimento por meio das relações estabelecidas.

São os reais encontros da vida que dão sentido a ela. Ao nos afastamos do Tu, entramos no campo do Isso.

A teoria de Buber discorre sobre aceitar e confirmar o indivíduo na sua potencialidade. Enxergá-lo, ter possibilidades quanto a ele, pois inevitavelmente, enquanto seres humanos, estamos em constante vir a ser. Confirmar é reconhecer, aceitar, validar, surpreender-se. O autor propõe uma abertura plena e legítima ao outro, no reconhecimento enquanto ser humano.

#### **4. A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Como contribuição da filosofia buberiana para o espaço escolar, pode-se salientar o estímulo para desenvolver a capacidade de perceber o outro e o validá-lo, para que possamos estabelecer mais relações EU-TU, do que EU-ISSO. A relação EU-TU requer reciprocidade. A experiência de ouvir, responder, dialogar, acolher a diferença é a essência do “entre”, da reciprocidade. “Presença não é algo fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante de nós. Objeto não é duração, mas estagnação, parada, interrupção, enrijecimento, desvinculação, ausência de relação, ausência de presença”. (BUBER, 2001, p. 14) A educação, enquanto processo de formação do sujeito, ocorrerá, na perspectiva buberiana, quando se promover espaços e experiências de relações plenas. É preciso educar para uma escuta atenta, para um real interesse na humanidade do outro e, por consequência, na sua própria condição humana.

E é nas diferenças que ampliamos conhecimentos acerca do mundo que vivemos. É na diferença que é preciso se instrumentalizar para superar desafios e lidar com o que não é habitual. Portanto o “entre” subsidia a formação do EU e do TU e por isso que o diálogo é basal no processo educacional e ferramenta fundamental, endossada na filosofia buberiana.

Educar para a consciência, para a validação do outro e de si mesmo são funções a serem assumidas pelos espaços de educação. Saber conviver, ampliar a consciência de mundo, desenvolver autoconhecimento, tolerância e respeito às diferenças são práticas a serem ensinadas, para a instrumentalização em prol do diálogo. Inegavelmente a teoria de Buber é estruturante na ação educacional e aponta aspectos atemporais para o pleno desenvolvimento humano, para a vida em sociedade. Buber criticava a filosofia

sem ação e por isso propôs possibilidades práticas para o diálogo autêntico. Com mais de um século de suas contribuições, percebemos que ainda é preciso fazer muito para que a prática educativa seja pautada na teoria do diálogo autêntico, para que a educação exerça sua função de forma plena, em busca da humanização das relações.

Deste modo, assumir a proposta dialógica de Buber nas práticas pedagógicas dos espaços de formação é mais do que educar para a aquisição de informações e de competências curriculares. É reconhecer a complexidade dos seres humanos, suas individualidades, seus direitos de coabitarem em um espaço que garanta e promova relações de respeito e de plenitude. Mais do que isso, é humanizar as relações em tempos de objetificação do outro e esse movimento só será possível por meio do diálogo autêntico. Tais ações, aqui apontadas no âmbito educacional, apresentam-se fundamentais para a vida em sociedade, na garantia dos direitos individuais, mas também coletivos, para que se promovam mais relações EU-TU do que relações EU- ISSO ao tratarmos de educação.

## 5. FORMAÇÃO DOCENTE E TECNOLOGIAS DIGITAIS

Assim como nos adaptamos a inserção da tecnologia em nosso cotidiano, com acesso ilimitado a informações, entretenimento e comunicação, também estamos nos adaptando às mudanças profissionais causadas por ela. Isso demandará um esforço individual e coletivo na busca por preparar a formação destes novos perfis de alunos e de profissionais. As juventudes de hoje já nasceram conectados e por esse motivo são os chamados Nativos Digitais, como definição para esse termo, podemos observar, o trecho a seguir.

**Nativo digital:** uma pessoa nascida na era digital (depois de 1980), que tem acesso às tecnologias digitais da rede e as grandes habilidades e conhecimentos de computação. Os compartilham uma cultura global comum que não é rigidamente definida pela idade, mas por alguns atributos de experiências relacionadas a como eles interagem com as tecnologias da informação, com a própria informação, um com o outro e com outras pessoas e instituições. (PALFREY e GASSER 2011, p. 324).

Para Lévy (1999), a antiga relação com a competência que antes era substancial e territorial, na qual, os indivíduos eram reconhecidos por seus diplomas está com os dias contatos. Ainda segundo o autor, no passado os



trabalhadores eram identificados por seus postos de trabalho, que apontavam suas profissões, as quais mostravam suas funções. “No futuro, irá tratar-se muito mais de gerenciar processos: *trajetos e cooperações*. As diversas competências de adquiridas pelos indivíduos de acordo com seus percursos singulares virão alimentar as *memórias coletivas*”. (LÉVY, 1999, p. 176)

Com essa alteração a docência também sofre mudanças significativas, visto que, historicamente, as qualificações necessárias para profissão eram apenas de passar o ofício, até o investimento em formação universitária, através dos cursos de licenciatura. Contudo, hoje estamos nos preparando para formar sujeitos aptos aos desafios de postos de trabalho que ainda nem existem. Tardif, contribui com nesse momento explicitando que

Todo saber implica um processo de aprendizagem e de formação; e, quanto mais desenvolvido, formalizado e sistematizado é um saber, como acontece com as ciências e os saberes contemporâneos, mais longo e complexo se torna o processo de aprendizagem, o qual por sua vez, exige uma formalização e uma sistematização adequadas. (TARDIF, 2012, p. 35)

Ou seja, a complexidade das mudanças sociais, profissionais e tecnológicas arrasta consigo a formação docente, exigindo dela, cada vez mais, saberes específico da área, da pedagogia e tecnológicos. Além disso, pressionando as estruturas e sistemas de ensino, ainda pouco flexíveis às mudanças. Lévy, corrobora colocando em questão a estrutura do ensino atual.

Os sistemas educativos encontram-se hoje submetidos às novas restrições no que diz respeito a quantidade, diversidade e velocidade de evolução dos saberes. Em um plano puramente quantitativo, a demanda de formação é maior do que nunca. Agora, em diversos países, é a *maioria* de uma faixa etária que cursa algum tipo de ensino secundário. As universidades transbordam. Os dispositivos de formação profissional e contínua estão saturados. Quase metade da sociedade está, ou gostaria de estar, na escola. (LEVY, 1999, p. 171)

Ainda segundo o mesmo autor, o professor passa a ter como principal função não mais a difusão dos conhecimentos, pois isso pode ser adquirido de forma mais eficaz e rápida através dos meios digitais. Assim, a competência do professor deve deslocar-se no sentido de impulsionar a aprendizagem é o pensamento dos alunos, colocando o professor no papel de orientador da inteligência coletiva dos grupos aos quais ele está encarregado. Ou seja, “sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitante à troca dos saberes, à mediação relacional e simbólica, à pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc”. (LEVY, 1999, p. 173) Logo,

a formação dos professores precisa prepará-los para atuar na formação de profissionais que irão atuar nesse novo Mundo do trabalho. Lévy, (1994, p.23), corrobora afirmando que “A prosperidade das nações, das regiões, das empresas e dos indivíduos depende da sua capacidade para navegar no Espaço do saber”.

Assim, também, além dos conhecimentos específicos de cada área de atuação técnica, o professor deverá proporcionar aos alunos conhecimentos tecnológicos que os façam capazes de gerenciar equipamentos e situações adversas, as quais, ainda não podemos prever em sua totalidade. Contudo, o que já sabemos que esses futuros postos de atuação, serão recheados de tecnologias digitais.

## **6. CONCLUSÃO**

Segundo Bauman (2007, p.9), a ‘sociedade’ é cada vez mais vista e tratada como uma ‘rede’ em vez de uma ‘estrutura’ (para não falar em uma ‘totalidade sólida’): ela é percebida e encarada como uma matriz de conexões e desconexões aleatórias e de um volume essencialmente infinito de permutações possíveis. Essa transformação nos mais diversos campos, gera um ambiente instável e assim como uma rede, apresenta movimento e ligações.

A instabilidade que temos nos postos de trabalhos hoje traz consigo uma única certeza, a contemporaneidade será acompanhada a cada dia mais de tecnologias digitais. Logo, os professores precisam anexar aos seus conhecimentos específicos de cada área e aos conhecimentos didáticos e pedagógicos, os conhecimentos relacionados às tecnologias digitais, pois independente das escolhas futuras dos alunos, sejam profissionais, sejam pessoais, tudo estará impregnado pela tecnologia. O trabalho humano a cada dia será mais de gerenciamento dos equipamentos. As funções repetitivas e sistêmicas irão sendo substituídas a cada dia mais até a sua totalidade. Contudo, o que é humano permanecerá existindo, mesmo com as mudanças.

Portanto, assim como o período no qual Buber produziu sua obra – a revolução industrial – fez-se necessária a retomada da humanização das relações, bem como a importância estruturante do diálogo nas formações, retomamos aqui que, tão importante quanto o conhecimento do professor acerca das tecnologias digitais, será a sua abordagem para relações pautadas

na dialogicidade e na humanização dos encontros que promove. Entendemos que cada vez mais os docentes precisarão educar para o reconhecimento da humanidade no outro e para a promoção de relações EU-TU.

Essa mudança paradigmática de uma transmissão de informações para a construção do conhecimento não extingue as instituições escolares da sociedade, tão pouco o papel do professor, ao contrário disso, se olharmos para a escola com os olhos do modelo de transmissão de conteúdos a escola na sociedade atual teria perdido o sentido. Contudo, se olharmos para a escola com os olhos da sociedade do conhecimento, ela nunca fez tanto sentido. Nesse contexto, o papel do professor modifica-se e Lira (2016, p.16), detalha o as novas atribuições dos professores.

Ao professor, nesse contexto, é atribuída a função de criar as condições mais favoráveis à aprendizagem do aluno. O ensino, assim, adquire uma nova conotação, buscando um semblante bem mais leve e ameno, deixaste de ser, apenas, uma mera transmissão de conhecimentos “verdadeiros e prontos’ [...], tornando-se um processo de elaboração das situações didático-pedagógicas facilitadoras da aprendizagem, constituindo-se da finalidade última do ato de ensinar. Por isso é que o ensino deverá favorecer a construção de relações significativas entre os componentes desse universo simbólico-real. (LIRA, 2016, p.16)

Ao olhar para instituições escolares, percebemos que a escolas e os professores são fundamentais nessa nova estrutura social que se apresenta. Tanto os professores, quanto as instituições precisam compreender essa quebra de paradigma, para atender essas novas demandas. Ainda para Lira (2016), o trabalho pedagógico, mais do que nunca, deverá oferecer a oportunidade do desenvolvimento de habilidades e competências contextualizadas conforme as realidades dos educandos, sempre tendo em vista a formação do profissional competente na perspectiva do futuro, o que passa pelas relações que o aluno estabelecerá.

Necessitamos (re)pensar muito no que tange a formação das pessoas e, o cenário que trazemos para reflexão nos mostra a urgência em buscar alternativas. Diante disso, precisamos refletir sobre a formação desses profissionais que estão formando. Os professores do modelo de construção do conhecimento não podem mais ser formados como aqueles que atuação no modelo de transmissão de conteúdos.

Assim, como Lira (2016) entendemos que a docência requer uma formação profissional qualificada e que ela abranja todas as demandas desse

século, além de conhecimentos específicos, competências e habilidades que sejam compatíveis com suas as atividades e com as atividades dos profissionais que está formando. Estando consciente que deve “estar aberto a mudanças, porque o material humano (estudante) que ele tem para educar encontra-se em constante mutação, variando de contexto para contexto, além do mais são provenientes de situações históricas diferenciadas dentro mesmo do próprio lar”. (LIRA, 2016, p.39-40)

O contexto emergente da cibercultura nos oferta instigantes desafios que nos mobilizam a pensar de forma inovadora e construir alternativas que atendam as demandas de um mundo em constante e intensa transformação, um mundo que considere tanto as tecnologias digitais como a promoção do diálogo e a humanização das relações. As informações estão ao alcance de todos, o acesso às pessoas, organizações e recursos se mundializou por meio da globalização da economia e da internacionalização dos saberes. Isto nos impulsiona a um novo comportamento crítico e seletivo que precisa ser construído. Formar professores para educar pessoas na atualidade requer nova percepção da função docente. Uma percepção que precisa contemplar a formação para uso e ensino de tecnologias digitais, mas também que promova o diálogo genuíno para a humanização das relações.

## 7. REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zigmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- \_\_\_\_\_, Zigmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BUBER, M. **Das dialogischePrinzip**. 3. ed.Heidelberg: Lambert Schneider, 1973.
- \_\_\_\_\_, Martin. **EU-TU**. São Paulo: Centauro, 2001.
- FONSECA, Jose Rosa da.**Tecnologia educacional aplicada na escola técnica de ensino médio**. CAPES, 2014
- LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**: para uma antropologia do ciberespaço. 2ª edição. Lisboa: ÉditionslaDécouverte, 1994.
- LÉVY, Pierre.**Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIRA, Bruno Carneiro. **Práticas Pedagógicas para o século XXI: a sociointeração digital e o humanismo ético**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MASSCHELEIN, Jan. The idea of critical e-educational research: e-educating the gaze and inviting to go walking. In: GUR-ZE'EV, Ilan (Ed.). **The possibility/impossibility of a new critical language in education**. Rotterdam: Sense, 2010. p. 275-291.

MORGAN, J. W.; GUILHERME, Alexandre. I and Thou: The educational lessons of Martin Buber's dialogue with the conflicts of his times. **Educational Philosophy and Theory**, Oxford, v., n., p., 2010.

\_\_\_\_\_, J. W.; GUILHERME, Alexandre. Martin Buber's philosophy of education and its implications for adult non-formal education'. **International Journal of Lifelong Education**, v. 28, n. 5, p. 565-581, 2009.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração dos nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PEDRO, Diego de Araújo São. **Utilização dos recursos de tecnologias de informação e comunicação no processo de ensinar**: uma análise dos professores do PRONATEC do IFMG Campus Congonha

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 14ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ZUBEN, Newton Aquiles Von. Martin Buber e a Nostalgia de um mundo novo. In: ZUBEN, Newton Aquiles Von. **Martin Buber**: diálogo e cumplicidade. Bauru: EDUSC, 2003.